

O método português-castilho na *Revista da Instrução para Portugal e Brasil* (1857-1858)

Cesar Augusto Castro, Justino Magalhães,
Carlota Boto & Samuel Velázquez Castellanos

Resumo

Neste artigo, aborda-se o Método Português de Castilho na *Revista da Instrução para Portugal e Brasil* publicada nos anos de 1857 e 1858, tendo como problemática, perceber de que maneira este impresso contribuiu para estreitar as relações e para divulgar este método de ensino entre os professores brasileiros? Objectiva-se entender as estratégias propostas pelos redatores, para inculcar entre os docentes de ambos países a ideia de educação e de leitura, meio pelo qual essas sociedades alcançariam o progresso e se igualariam as outras nações europeias e à América do Norte. Adotou-se a metodologia da pesquisa histórica e documental tendo a revista como fonte/ objeto, tomando-se como referência as correspondências entre os redatores, António Feliciano de Castilho e Luiz Felipe Leite, docentes dos territórios onde o método foi adotado. Apresenta-se este artigo em duas partes: na primeira, descreve-se o periódico enquanto materialidade; na segunda, as diversas recepções deste método no Brasil. Conclui-se que a imprensa periódica educacional se constituiu em um veículo relevante para se compreender as ideias e os debates, sobre as relações transatlânticas entre o Brasil e Portugal em torno da obra educativa de Castilho em Oitocentos.

Palavras-chave:

método Castilho; imprensa de ensino; relação Portugal-Brasil; história da educação.

The portuguese method-Castilho in the *Revista da Instrução para Portugal e Brasil* (1857-1858)

Abstract: In this text, the Portuguese Method of Castilho in the *Revista da Instrução para Portugal e Brasil* published in the years 1857 and 1858 is approached. Brazilians? And the objective is to understand the strategies proposed by the editors, to inculcate among the teachers of both countries the idea of education and reading, a means by which these societies could reach progress and match other European nations and North America. The methodology of historical and documentary research was adopted, having this form as the source and object. Correspondence between the editors, António Feliciano de Castilho and Luiz Felipe Leite and the teachers in the territories where the method was adopted are taken as reference. This essay is presented in two parts: in the first, the journal is described as materiality; in the second, the different receptions of this method in Brazil. We conclude that the educational periodical press constituted a relevant vehicle to understand the ideas and debates about the transatlantic relations between Brazil and Portugal around the educational work of Castilho in the 19th century.

Keywords: Castilho method; teaching press; Portugal-Brazil relationship; history of education.

La méthode portugaise-Castilho dans la *Revista da Instrução para Portugal e Brasil* (1857-1858)

Résumé: Dans ce texte, on aborde la Méthode portugaise de Castilho dans la *Revista da Instrução para Portugal e Brasil* publiée dans les années 1857 et 1858. Brésiliens ? Et l'objectif est de comprendre les stratégies proposées par les éditeurs, d'inculquer aux enseignants des deux pays l'idée d'éducation et de lecture, un moyen par lequel ces sociétés pourraient progresser et égaler les autres nations européennes et nord-américaines. La méthodologie de la recherche historique et documentaire a été adoptée, ayant cette forme comme source et objet. La correspondance entre les éditeurs, António Feliciano de Castilho et Luiz Felipe Leite et les enseignants des territoires où la méthode a été adoptée est prise comme référence. Cet essai est présenté en deux parties : dans la première, le journal est décrit comme matérialité ; dans le second, les différentes réceptions de cette méthode au Brésil. Nous concluons que la presse périodique éducative a constitué un véhicule pertinent pour comprendre les idées et les débats sur les relations transatlantiques entre le Brésil et le Portugal autour du travail éducatif de Castilho au XIXe siècle.

Mots clés : méthode Castilho ; presse pédagogique; relation Portugal-Brésil; histoire de l'éducation.

El método portugués-Castilho en la *Revista da Instrução para Portugal e Brasil* (1857-1858)

Resumen: En este texto se aborda el Método Portugués de Castilho en la *Revista da Instrução para Portugal e Brasil* publicada en los años 1857 y 1858. ¿Brasileños?, objetivándose comprender las estrategias propuestas por los editores, para inculcar entre los docentes de ambos países, la idea de la educación y la lectura; medio por el cual estas sociedades podrían alcanzar el progreso y equipararse a otras naciones europeas y a la norteamericana. Se adoptó la metodología de investigación histórica y documental, considerándose la revista como fuente/objeto y el cruzamiento con las correspondencias entre António Feliciano de Castilho y Luiz Felipe Leite (los editores), con los profesores de los territorios donde se adoptó el método. Se presenta este ensayo en dos partes: en la primera, se describe la revista como materialidad; en la segunda, las diferentes recepciones de este método en Brasil. Se concluye que la prensa periódica educativa constituyó un vehículo relevante para comprender las ideas y debates sobre las relaciones transatlánticas entre Brasil y Portugal en torno a la obra educativa de Castilho en el siglo XIX.

Palabras clave: método Castilho; prensa didáctica; relación Portugal-Brasil; historia de la Educación.

Introdução

As relações entre Europa e as Américas se estabeleceram historicamente sob diferentes formas e perspectivas que materializadas em escritos cartas, legislações, desenhos e livros evidenciando como as distâncias transatlânticas não foram impedimentos para que ideias e pensamentos circulassem entre ambos continentes desde o Período Colonial até o tempo presente. Impressos, jornais e revistas que se constituíram no principal canal de (in)formação e de inculcação de regras e valores, como apontam os estudos de Bittencourt (2014), Boto (2022), Lajolo (2022), Castellanos e Castro (2021), Abreu e Mollier (2018) e Escolano (2017) dentre outros autores, que se reportam direta e indiretamente à circulação dos impressos entre diferentes nações e temporalidades.

Em relação a Portugal e o Brasil, Silva (2018, pp. 262-263), afirma que:

Os olhares luso-brasileiros sobre as realidades culturais partilhadas cruzam-se nas páginas dos múltiplos órgãos da imprensa luso-brasileira, editados em Portugal e no Brasil, criando múltiplas cumplicidades entre escritores, jornalistas, [professores] e editores dos dois países. Assim, temos de ter em consideração duas questões: a importância essencial para Portugal do mercado brasileiro no plano literário [...] jornalístico [e educacional] e a relativa facilidade com que os profissionais da imprensa [e da educação] se deslocavam e trabalhavam nos dois lados do Atlântico.

Neste trabalho, tomamos como fonte e objeto a *Revista de Instrução para Portugal e Brasil* (1857-1858), que tinha como redatores António Feliciano de Castilho e Luiz Filipe Leite. Presenças relevantes na literatura, na produção de obras didáticas e na imprensa portuguesa, que mantiveram fortes e férteis relações com o Brasil, por meio dos seus escritos dedicado aos escolares, literatos e intelectuais em todo o território nacional e nas diversas possessões portuguesas do século XIX.

António Feliciano de Castilho distingue-se através da sua vasta produção literária e, principalmente, por meio de seu método de ensino da leitura. Luiz Filipe distingue-se com as suas obras dirigidas a crianças e jovens, que foram adotadas em instituições escolares de ensino primário a exemplo de *Ramalhetinho da Puerícia* (1854), *Exercícios de Leitura Manuscrita para usos das escolas pelo método português* (1854) e de educação em geral, como *Do ensino normal em Portugal* (1892). A amizade entre ambos se deve ao fato de que Luiz Filipe, fora, “desde os dezenove anos, secretario e dedicadíssimo auxiliar do mestre na cruzada da instrução (*Revista*, 1857, p. 11)”, em Ponta Delgada, no período de 1847 a 1850, quando Castilho residiu nos Açores.

Portanto, este texto, ao tomarmos a *Revista de Instrução*, partimos da ideia de que a proposta dos redatores era estreitar os laços entre educadores, brasileiros e portugueses, servindo como veículo de divulgação do Método Castilho, e ainda, para

debater as ideias sobre as reformas e os problemas da instrução pública, um dos meios, se não o mais relevante, para promover uma civilização instruída, universal e capaz de igualar o Brasil e Portugal, às nações europeias, que tinham um sistema de ensino “avançado e promissor”, à Alemanha e França, segundo António Feliciano. (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p.21)

Destarte, objetiva-se neste artigo, analisar a finalidade da produção da Revista e a circulação do Método-Português Castilho, assim como sua adoção no Brasil. Nesse sentido, apresentamos este ensaio em duas partes: na primeira, descrevemos o periódico enquanto materialidade; na segunda, as diversas recepções deste método no Brasil, tomando como referência, as correspondências trocadas entre os professores brasileiros enviadas aos redatores. Portanto, este texto é relevante na medida em que os estudos sobre Castilho e seu método de leitura são lacunares em Portugal como no Brasil, como afirmam (Cunha, 2014), Castelo Branco, 1977, Albuquerque, 2019), ao contrário das suas atividades de literato como destacam Alves e Cruz (2014), posto que António Feliciano de Castilho foi um

[...] escritor outrora festejado, reconhecido por seus pares e pelo público leitor em Portugal e no Brasil, com cerca de 60 anos de produção constante em diversos domínios (jornalismo, poesia, narrativa, teatro, tradução, epistolografia, pesquisa histórica e *educação*), provocador de polémicas, alvo de críticas da Geração de 70 [;] enfim [.] um nome mais do que presente ao longo do século XIX português, com uma história de vida pública que começa no início do século, faz jus, pelo menos, a um trabalho de leitura crítica e atualizado e mais imparcial sobre sua obra, com a demonstração, é natural, de suas contradições e fraquezas, mas também de sua contribuição à cultura portuguesa [e brasileira] oitocentista (Alves e Cruz, 2014, pp.11-12)

Com relação a este periódico, afirma Fernandes (2000, p. 23) de que “poucos foram os artigos que contemplaram as questões brasileiras”. Entretanto, apesar do predomínio dos debates sobre Portugal, realidade cotidiana de Castilho e Filipe Leite, as matérias sobre o Brasil, se constituem de grande relevância para analisarmos a adoção do Método de Castilho no Brasil oitocentista.

A Revista de Instrução Pública para Portugal e Brasil

A revista de instrução circulou em Portugal e Brasil no período de 1857 a 1858, (volume 1 ao volume 8), tendo como redatores António Feliciano de Castilho e Luiz Filipe Leite. Nas páginas da revista são publicados os atos dos governos português e brasileiro (remoção, contratação, concursos e aposentaria de docentes), a instrução

das mulheres e dos operários, o relatório de Ministério da Instrução Pública do Brasil e da Comissão Geral da Instrução Pública de Portugal, a divulgação de livros editados em Portugal e destinados às escolas, e, principalmente, artigos de autoria de António Feliciano de Castilho, constituindo-se nas principais temáticas presentes.

Um dos aspectos mais inovadores da Revista foi o recurso à história da educação como instrumento de construção de um sistema educativo moderno. Cremos que, pela primeira vez, a história da educação era vista como importante na busca do fundamento para a decisão política e o seu atraso apontado nos seus aspectos negativos (Fernandes, 2000, pp. 34-35).

No artigo, *Programa que procedeu à publicação deste jornal*, em que os redatores apresentam a Revista, afirmam que a mesma tinha dupla finalidade: a primeira, “pesar na balança do senso comum e à luz da ciência atual, o que existe, bom ou mau, ótimo ou péssimo nas duas legislações (Brasileira e Portuguesa), [e] inquirir o que falta ou devia existir” (Revista, 1857, p. 2); a segunda, “examinar com a mesma consciência o que se faz e o que se tem feito nos países onde mais adiantada se acha a organização da instrução pública, considerada administrativamente, quer nos seus pormenores pedagógicos e didacticos” (Revista, 1857, p. 2). Nessa perspectiva, a confrontação entre estas duas realidades objetivava elaborar proposições para a instrução pública; apesar de entenderem que não seria uma tarefa fácil, na medida em que dependeria, sobremaneira, da vontade dos especialistas e dos intelectuais dos dois países, e a “[...] quem os editores deveriam recorrer para obterem suas opiniões, observações e os seus estudos” (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p. 3).

Considerando que o agrado nascido da amenidade é para o gosto da maioria uma inocente sedução, e que em favor do santo fim que demandamos, nenhum meio se deveria desprezar, quanto mais a formosa literatura, procuraremos desfadard algumas vezes com ela o cansaço dos estudos sérios, mesmo a fim de criar para estes maior número de sectários. O exemplo não é novo, temo-lo nos jornais especiais de todas as línguas. Tomo-lo na França², principalmente (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1858, p. 3).

Apesar de Castilho e Leite não evidenciarem tal proposta, a análise da revista nos permite afirmar que a finalidade do impresso era divulgar e estreitar laços entre o Brasil e Portugal sobre a instrução pública, e principalmente, servir de canal de comunicação e de exposição do Método Português³, frente a outros adotados nas instituições escolares de ambas nações; em certa medida, realizaram uma análise comparada entre os sistemas de ensino, sem contudo, “traçarem vantagens ou desvantagens entre um

e outro” (Revista, 1857, p. 2), posto que, segundo os redatores, tanto no Brasil como em Portugal, não havia um ensino nacional e organizado sob os princípios da ciência moderna e voltado para as necessidades locais e conveniências regionais; ao contrário, “estavam de acordo com as exigências imperiosas da posição política de ambos países (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p. 3), que, segundo eles, dificultavam emitir um “juízo de valor” adequado e amplo.

Contudo, Castilho e Leite acreditavam que Portugal, país com uma indústria agrícola e fabril promissora e empenhado na melhoria das condições materiais, mas, sem atentar para as reformas públicas de instrução que objetivassem uma “ilustração popular” , o esforço de desenvolvimento não passaria de “uma quimera” e, para tanto, deveria romper com “os erros do passado” que não o projetavam a um futuro e nem unia [...] os interesses intelectuais com os [...] interesses materiais”, educativos, moral, literário e artístico (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p. 3). Por sua vez, o Brasil, nação forte e de pujante adolescência e com perspectivas de amplos horizontes de prosperidade e riqueza pública, deveria partir dos mesmos princípios de engrandecimento intelectual e “não hesitar perante a amplitude do cometimento” (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p.5).

Para eles, somente pelo desenvolvimento intelectual; Portugal, pela sua posição geográfica e histórica e, o Brasil, pelo vasto território e recursos naturais, poderiam formar uma “civilização universal” para todos os povos, por meio de uma “opinião educada, como um caminho seguro para os bons governos e a felicitação pública” (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1858, p. 2), situação que os colocaria no mesmo nível de instrução, apesar das suas diferenças temporais e históricas, mas com aspirações idênticas para cujas mudanças se dariam por meio de um “[...] sistema (público de) instrução que atingisse a verdadeira altura da respectiva distinção social (...) (ao contrário) quaisquer esforços com que se pretend[era] fazer progredir um país na estrada providencial da perfectibilidade seriam infrutíferos” (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1858, pp. 2-3).

Ao analisar este periódico, Magalhães (2021, p. 24-25) alegara que:

António Feliciano de Castilho e Luís Filipe Leite propunham uma publicação de formato menor que o livro, mas que não fosse um pequeno livro. Refer[ia]m-se a uma nova fase da Imprensa considerada como veículo de civilização: de envolta com folhas volantes e efémeras, apareceram as publicações médias entre o jornal e os livros, participantes das vantagens de um e de outro. Os autores introduzi[ra]m a noção de ‘o livro-periódico’ ou ‘periódico-livro’. Tratar-se-ia de publicações com conhecimentos gerais e cultura; com conhecimentos úteis e materiais de leitura; com conselhos e preceitos cívicos, morais, vitais. Este tipo de publicação adequa-se-ia,

segundo Castilho e Filipe Leite, aos múltiplos públicos atirados ao seu destino, muito particularmente à mulher do mundo rural.

Para Castilho e Filipe Leite, cada profissão e cada ciência fundaram os seus “respectivos hebdemodários semanais, mensais, trimestrais, sob diferentes títulos - revistas, almanaques, anuários - que como ‘semi-livros’” (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p. 4), permitiram compreender o movimento e a história das diferentes carreiras: “periódicos para os médicos, periódicos para os juizes, periódicos para os agricultores, etc” (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, pp. 4-5) e, a educação, deveria seguir os mesmos princípios, posto que:

Em meio de tantos e tão diversos grupos de publicações periódicas, sentiu-se a carência de um jornal didático, mas didático no sentido das principais exigências do século, que participasse do livro pelo poderoso e reflexivo e ainda, um pouco pela extensão de expor e sustentar as doutrinas, mas que ao mesmo tempo se irmanasse com as folhas volantes pela correnteza do estilo, pelo desambicioso das formas, pela variedade dos assuntos por proferir dentre estes os que melhor se acertassem com as precisões e tendências da atualidade, por olhar mais para o presente que para o passado; mais para o futuro que para o presente e que tantos esses dotes ou os mais deles os realçasse com as amenidades da literatura e a tenuidade dos preços, condição muito primária (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p. 5)

Essas eram a finalidade e a perspectiva que estimularam António Feliciano de Castilho e Luís Filipe Leite em publicarem este impresso, que como todos os demais, em especial, aqueles especializados, viviam o dilema e as dificuldades de manterem a sua regularidade, como o afirmam na edição de número sete de 1858.

A empresa lutando com dificuldade, como tem acontecido a todos os periódicos de similitude natureza nestes últimos tempos, declara que tem de ser ainda por algum tempo bimestral a publicação da Revista como neste sucede. Sendo a assinatura contada pelos números que se subscreve e não por tempo determinado, esta irregularidade não prejudicará os subscritores (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p. 5).

Como canal de informação e de divulgação durante o seu ciclo de vida (1857-1858), a *Revista* se constituiu em espaço privilegiado para fazer circular as ideias sobre o Método de Castilho no Brasil. Diante disso, discutiremos, a seguir a circulação do mesmo nas diversas territórios brasileiros; isto é, onde ocorreu a sua adoção e os principais professores envolvidos nesse processo.

O Método Castilho no Brasil nas páginas da *Revista*

A tentativa de António F. de Castilho para difundir o seu método no Brasil destinado ao ensino da leitura, é um episódio da história do ensino neste país, com interesse em si e ainda, por se tratar de um caso luso-brasileiro, nesse mesmo campo, pois A. F. de Castilho, anteriormente tentara com todas as suas forças, difundir e impor esse mesmo método em Portugal. Por isso, *a campanha pedagógica de A. F. de Castilho interessa à história do ensino em Portugal e também à história do ensino no Brasil, e, cremos, raros serão os aspectos, como este, comuns à história do ensino nos dois países, posteriormente a 1823* (Castello-Branco, 1977, p.33). (sublinhado nosso)

Após a divulgação do método em Portugal, inicia-se uma forte e virulenta campanha contra o mesmo, o que vem a ser na história do ensino de Portugal, a mais longa e acirrada polémica a uma proposta de instrução, como afirma Castello-Branco (1977), a que Castilho vai rebater na imprensa e nos seguintes livros: *Tosquia de um Camelo* (1853); *Ajuste de Contas com os adversários do método português* (1854) e *Resposta aos Novíssimos Impugnadores do Método Português* (1909), nos quais, justifica as suas escolhas e mostra a diferença entre seu método e os “métodos velhos” adotados até então em Portugal.

Inventaram os inimigos do método português que os professores que ensinavam cantando e marchando, não esta[riam] sujeitos à lei que manda que o ensino seja [pelo] método simultâneo, e isto dito com certo ar de motejo, porque *esses senhores ignoram a diferença que há entre método e modo de ensino*⁵ que na Alemanha onde a instrução está muito mais adiantada que em Portugal, ensinam algumas disciplinas por meio de versos, que mandam cantar aos meninos para facilmente os decorar. Ignoram qual o parecer das comissões médicas de Lisboa e da Bahia dado sobre o canto, palmas e marchassem nas escolas, em que aquelas duas comissões decidiram que ‘os pulmões tem no canto e sua ginástica, que se desenvolvem por ela e se fortificam, e que em nenhuma espécie de gente a tísica e tão rara como nos cantores de profissão, que *as palmas e as marchas são a higiene das extremidades e de todo o corpo em geral*, que o uso excessivo de qualquer órgão, o desenvolve notavelmente, e que os órgãos que menos se empregam no exercício de suas faculdades se amesquinham e atrofiam’ (*Diário de Pernambuco*, 1860, p. 3).

“Ecos” dessa campanha, para a adoção do seu método iniciada por Castilho em Ponta Delgada e em outras cidades portuguesas, como Lisboa, Porto, Leiria, chegam ao Brasil através de vários adeptos e defensores como José Nogueira de Jaguaribe⁶ (deputado pela Província do Ceará) e os seguintes professores(as)/províncias:

Abílio César Borges (Bahia); os Padres João Soares de Sousa e Vicente Júlio Soares (Colégio São Januário); A. E. Zaluar (Colégio Zaluar); Valentim José da Silveira Lopes, no Rio de Janeiro; J. M. Pereira de Alencastre (Piauí); Raimundo José de Almeida Couceiro (Pará); Secundino José de Farias Simões, Priscila S. Mendes Albuquerque e Francisco de Freitas Gamboa (Pernambuco); Frederico da Costa Rubim (Ceará); Sotero do Reis (Maranhão); Antônio Pedro Pinto (Minas Gerais), entre outros que adotam e descrevem as vantagens do método em relação aos “antigos” na imprensa periódica brasileira: no *Jornal do Comércio* (1855) e *Correio Mercantil* (1856) do Rio de Janeiro, no *Diário de Pernambuco* (1860) e no *Publicador Maranhense* (1858), dentre outros.

O Método-Castilho no Brasil foi adotado na Região Nordeste, em especial nas Províncias de Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Bahia e Piauí. Na região Centro-Oeste na Província de Goiás. Na Região Norte no Pará e no Sudeste da capital do império, Minas Gerais e em Niterói, como se depreende das correspondências dos professores dessas localidades “aplicadores do método-português” e publicados na *Revista de Instrução* e nos jornais dessas localidades.

De igual modo, infere-se que o primeiro professor a adotar no Nordeste o Método-Castilho tenha sido José Francisco Soares, da Província de Alagoas e que em Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia, a sua expansão ocorreu de maneira mais intensa. Já em Recife, o professor Gamboa transmitiu para outros professores os ensinamentos recebidos no Rio de Janeiro, de modo que pudessem ensinar pelo Método Português o que permitiu o funcionamento de 10 salas a partir do Centro do Método-Castilho em que irradiava aos mestres pernambucanos os saberes e as práticas para a sua aplicação.

Sobre a adoção do método em Pernambuco, ainda a *Revista*, transcreve matéria publicada no *Diário de Pernambuco* de 14 de fevereiro de 1855 e publicada em Portugal no jornal *Revolução de Setembro* de 16 de abril de 1855, escrita por uma “pessoa fidedigna” (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, p. 4).

Eu estou persuadido que só pelo poder geral é quem pode proibir o método Castilho, visto que três províncias Alagoas, Sergipe [e] Rio Grande do Norte o tem adotado por ordem de suas competentes assembleias provinciais; além destas o Rio, Bahia, Piauí, Pernambuco e Ceará tem escolas particulares pelo novo método. Seria preciso uma força sobrehumana para fazer voltar ao regresso os Silveira Lopes, da capital do Império, os Ibirapitangas e os Albertos, da Bahia; os Soares de Alagoas, os Menna, os Drumonds, os Farias Simões, Fonseca, Silvas, Vianas, Maximos Figueiredo, de Pernambuco, os Carneiros da Cunha, os Liberatos, no Rio Grande; os Reis e Padre Medeiros, no Apodi e Ceará (*Revista de Instrução para Portugal e Brasil*, 1857, pp. 4-5).

Em Alagoas, o professor José Francisco Soares, ao retornar do Rio de Janeiro, após frequentar o curso de Castilho, o implanta em Maceió, afirmando em carta aos redatores da *Revista*, que a sua adoção era de pleno êxito e sem nenhuma discussão negativa, o que demonstrava a “eficiência e as vantagens do novo sistema” (Revista, 1858, p. 4); aspectos referendados pelo presidente desta província no relatório que apresenta à Assembleia provincial em 1856. De acordo com Villela, Chagas e Dias (2022), no relatório de 1855 do presidente de província da Bahia, José Maurício Wanderley, indicava os professores Phelippe José Alberto e António Gentil Ibirapitanga para cursarem no Rio de Janeiro o curso de António Feliciano de Castilho, os quais, ao retornarem para Salvador, ministrariam o que haviam aprendido a outros docentes de modo a expandirem por toda a Província o Método já que “[...] As experiências feitas pelos professores Filipe José Alberto e António Gentil Ibirapitanga têm correspondido até certo ponto às promessas do autor; mas a leitura dos livros não é suficiente, desacompanhada da Silva

Assim, como em Portugal, o método de Castilho foi alvo de acirradas polêmicas como evidenciam Albuquerque e Boto (2018) a exemplo de Alagoas.

Tais conflitos decorreram de um motivo político, uma vez que o irmão de José Alexandre Passos, o professor Ignacio Joaquim Passos, perdeu sua cadeira interina de professor de Retórica do Liceu de Maceió para Francisco José Soares, o qual havia sido escolhido pelo presidente da província para frequentar o curso ofertado pelo poeta e filólogo português no Rio de Janeiro.

Por fim, as páginas da *Revista de Instrução para Portugal e Brasil* evidenciam o quanto Castilho procurou manter relações com os literatos e professores brasileiros, o que mostra que este periódico, é espaço fértil para entendermos os intercâmbios culturais, históricos e pedagógicos entre o Brasil e Portugal no Oitocentos.

Considerações finais

A imprensa periódica educacional se constitui em uma fonte relevante para compreendermos a movimentação do/no campo da educação em diferentes tempos e espaços, tendo em conta as ideias e os debates presentes e as reivindicações de professores e alunos com relação aos diferentes níveis de ensino. Nessa esteira, a *Revista de Instrução para o Portugal e Brasil*, publicada por Castilho e Filipe Leite e editada em Lisboa, teve como finalidade estreitar as fronteiras transatlânticas entre esses dois países, que mesmo como diferenças históricas temporais, irmanavam-se pela língua e pelo desejo de alcançarem o desenvolvimento intelectual e literário via instrução pública para se igualarem às nações europeias e a Norte América, tendo em conta a multiplicidade de práticas educativas e pedagógicas instauradas no âmbito pedagógico em construção.

Analisar a produção literária do “poeta cego?”, as obras castilhanas com relação ao ensino, e especificamente, aquelas sobre o seu método português de leitura, possibilita mapearmos inúmeras nuances sobre a instrução pública, entre elas: a relevância do ensino para as meninas e para a educação profissional; o papel dos professores e dos alunos no processo de ensino e aprendizagem; os sentidos da cultura material escolar, entre tantos outros eixos possíveis de serem investigados e tratados pelos historiadores da educação, uma vez que Feliciano Castilho, como intelectual e pedagogo, vetorizou o ensino em Portugal e Brasil dando sentidos novos à instrução local e regional, estimulando assim práticas transatlânticas, mesmo que (re)significadas em cada cultura escolar.

De modo a apresentar o seu método, viaja ao Brasil e, ao retornar para Lisboa, publica este periódico, que teve um ciclo de vida curto, embora se constitua em fonte privilegiada para identificarmos a circulação do método português nos trópicos, que após ministrar curso no Rio de Janeiro em que professores de várias províncias compareceram e implantariam a sua proposta pedagógica castilhana ao retornarem para seus locais de origem. Contudo, acreditamos que, pela presença de várias obras destinadas à alfabetização publicadas no Brasil e, principalmente, na perspectiva de romper com os laços, desde a Independência com Portugal e estabelecer um ensino com feições nacionais, não se tenha efetivado sua obra/método como Castilho almejava, quando por aqui esteve para divulgar o que considerava uma alternativa capaz de romper com os métodos maçantes presentes nos dois países.

Em algumas localidades, como na Província de Pernambuco e na Capital do Império a expansão do Método-Castilho ocorreu de forma mais incisiva e duradoura que em outros como Alagoas, onde teve uma aplicação mais curta. O certo é que este método, assim como em Portugal, - se fez presente em várias localidades, merecendo elogios e aceitação em algumas províncias, e em outras, a sua rejeição, mesmo que não nos pareça tão acirrada como na terra natal de António Feliciano de Castilho.

Agradecimentos:

Esta pesquisa contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Agradecemos à equipa de Bibliotecários e Arquivistas da Academia de Ciências de Lisboa e do Museu João de Deus.

Notas

- ¹ Relações, neste texto é entendida como a comunicação entre os leitores e os redatores, sobre a instrução pública entre Portugal e Brasil.
- ² Provavelmente a admiração presente nos textos de Castilho sobre a França, como modelo de um sistema de ensino a ser “copiado”, deve-se a sua visita em 1856, em companhia do seu irmão José Feliciano de Castilho (Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1856).
- ³ Na revista encontramos as denominações, método de leitura repentina, método Castilho e método Português para se reportar à proposta de instrução e educação de sua autoria.

- ⁴ Em *Felicidade pela Instrução* (1854), Castilho explica a diferença entre método e modo de ensino. Para ele, “método é processo interior e essencial e o modo processo interior e acidental. O ensino de qualquer disciplina supõe, portanto, um método, e um modo, pois consta de uma parte intrínseca e de outra extrínseca (*Felicidade pela Instrução*, 1909, p.33) (sublinhado do autor).
- ⁵ Jaguaribe defendia que o método de Castilho fosse adotado nas Províncias com maior número de analfabetos e menor número de escolas públicas e em instituições como o exército para atender aos soldados como havia feito o Duque de Saldanha em Portugal.
- ⁶ Os Professores Francisco de Freitas Gamboa e Valentim José da Silveira Lopes publicam vários artigos nos jornais pernambucanos, baianos e cariocas sobre a importância, as vantagens e experiências exitosas no Brasil sobre o método Castilho.
- ⁷ Expressão comum na grande imprensa brasileira quando trata das obras e da personalidade de Castilho.

Referências

- Abreu, M. & Mollier, J.Y. (2018). Nota Introdutória: circulação transatlântica dos impressos- a globalização da cultura no século XIX. In: Granja, L. & Luca, T (org.) *Suportes e mediadores: circulação transatlântica dos impressos*. Editora da UNICAMP.
- Albuquerque, S. L. de (2019). *Métodos de ensino de leitura no Império brasileiro*: António Feliciano de Castilho e Joseph Jacotot. [Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo] – Biblioteca Digital de teses e Dissertações da FEUSP. Universidade de São Paulo.
<https://teses.usp.br/tde-19112019-163229>
- Alves, I. & Cunha, E. (2014). *Para não esquecer Castilho: cultura literária no oitocentos*. Editora da UFF.
- Bittencourt, C. M. F. (2014). Textbooks and school memory: research and preservation of the books for Projeto LIVRES. *History of Education & Children's Literature*, 13 (IX) 13.
- Boto, C. (2000) *Sociedade portuguesa em revista: o método da escola e a escola como método no século XIX*. <https://www.google.com.br/search?q=sociedade+portuguesa+em+revista%3A+o+m%C3%A9todo+da+escola+e+a+escola+como+m%C3%A9todo+no+s%C3%A9culo+xix&sxsr> .
- Boto, C. & Albuquerque, S.L. (2018). Entre idas e vindas: vicissitudes do método Castilho no Brasil do século XIX. *História da Educação (Online)*, 56, (22), 16-37.
- Castellanos, S. L. V. & Castro, C. A. (2021) A imprensa de educação e ensino no Maranhão e Pará (1844-1954): primeiras aproximações. *History of Education & Children's Literature*, 2 (XVI), 293-317.
- Cunha, A. C. C. (2014). *Presença de A.F. de Castilho nas letras oitocentistas portuguesas: sociabilidades e difusão da escrita Feminina*. [Tese de Doutorado em Literatura Comparada da Universidade Federal Fluminense] – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFF. <https://app.uff.br>
- Diário de Pernambuco* (1860). Recife, 4 de maio, 17.
- Escolano, A.B. (2017). *A Escola como Cultura: experiência, memória e arqueologia*. Alínea.
- Fernandes, R. (2000). Um projeto de jornalismo pedagógico luso-brasileiro no século XIX (1857-1858). *História da Educação*, 21 (7), 22-39.
- Lajolo, M. (2000). *O mercado brasileiro na correspondência de António Feliciano de Castilho e Camilo Castelo Branco*. <https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress/catalog/download/25/40/407-1?inline=1>

Magalhães, J. P. de (2021). A imprensa pedagógica. Fonte de identidade docente e memória profissional. *History of Education & Children's Literature*, 2 (XVI), 17-34.

Revista de Instrução Pública para Portugal e Brasil. 1858-1859. Tipografia Progresso.

Silva, J. R. da. (2018.) As revistas luso-brasileiras (1897-1914): jornal do Brasil- Edição quinzenal ilustrada (1897-1898) e Brasil-Portugal: revista ilustrada (1899-1914). In Granja, L., Luca, T. (org.) *Supportes e mediadores: circulação transatlântica dos impressos*. Editora da UNICAMP.

Villela, H. de O. S., Chagas, R. R. & Dias, M. O. (2022). *Rotas Atlânticas: um poeta português, um professor baiano, destinos cruzados no Rio de Janeiro do século XIX*, II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf

Cesar Augusto Castro

Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Maranhão

Email: cesar.castro.castro@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7650-895X>

Justino Pereira de Magalhães

Professor Catedrático Jubilado

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Email: justinomagalhaes@ie.ulisboa.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9464-6782>

Carlota Boto

Professora Titular

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP)

Email: reiboto@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7389-2391>

Samuel Luís Velázquez Castellanos

Departamento de Educação I da Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: samuel.velazquez@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0849-348X>

Correspondência

Cesar Augusto Castro

Universidade Federal do Maranhão

Campus Universitário Dom Delgado,

Avenida dos Portugueses nº 1966, São Luís-MA